

**Universidades Lusíada**

Tavares, João António de Mendonça Vieira Lopes,  
1991-

**Mações, Bruno (2018). O despertar da Eurásia :  
em busca da nova ordem mundial**

<http://hdl.handle.net/11067/7511>

<https://doi.org/10.34628/7WS1-GJ10>

**Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2024
<b>Editor</b>	Universidade Lusíada Editora
<b>Palavras Chave</b>	Mações, Bruno, 1974- Crítica e interpretação, Geopolítica - Eurásia, Política internacional - Século 21
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	yes
<b>Coleções</b>	ULL-FCHS] LPIS, n. 27-28 (2024)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-08-22T03:21:32Z com  
informação proveniente do Repositório

**O DESPERTAR DA EURÁSIA-EM BUSCA  
DA NOVA ORDEM MUNDIAL.  
LISBOA: TEMAS E DEBATES  
MAÇÃES, BRUNO. 2018**

**João Tavares**

tavares.joao@outlook.com

ORCID: 0000-0002-3764-8797

DOI: <https://doi.org/10.34628/7WS1-GJ10>

*Data de submissão / Submission date: 25.02.2024*

*Data de aprovação / Acceptance date: 26.04.2024*



Nesta obra, Bruno Mações<sup>1</sup> reapresenta-nos a Eurásia como uma unidade geopolítica, cujo termo foi cunhado pelo geólogo austríaco Eduard Suess, em 1885. Porém, a ideia de que a Eurásia deve ser compreendida como uma única entidade geopolítica é da inteira responsabilidade do grande teórico geopolítico britânico, Sir Halford Mackinder<sup>2</sup>.

Para Mackinder, o continente euroasiático deve ser compreendido como um potencial espaço de um império mundial, cuja tese Mações subscreve, uma vez que a maior parte dos maiores impérios terrestres da História foram sempre euroasiáticos, desde os mongóis até a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. De acordo com o autor, a fronteira entre a Europa e a Ásia sempre foi ilusória, devido ao seu carácter instável.

Segundo Mações, o que há de novo é uma mudança do centro de poder político-económico, do Ocidente para o Oriente. Ao mesmo tempo, trata-se de uma mudança de poder das duas potências não-euroasiáticas, os Estados Unidos da América (EUA) e da Grã-Bretanha, para as potências euroasiáticas como a China e a Índia. Esta mudança ocorreu, na ótica do autor, devido ao facto da Ásia ter conseguido alcançar a Europa e o Ocidente, por ter conseguido embarcar numa onda de modernização tecnológica sem precedentes. Esta alteração pode contribuir para a materialização de uma nova ordem mundial e para o fim do momento unipolar dos EUA.

Contudo, a presente vaga de modernização asiática não significa que os Estados asiáticos seguirão a fórmula ocidental de democracia liberal, uma vez que, existem diferentes modelos políticos de

---

<sup>1</sup> Bruno Mações foi Secretário de Estado dos Assuntos Europeus durante XIX e XX Governos de Portugal sob a liderança do Primeiro-Ministro Pedro Passos Coelho e atualmente é *Senior Research Associate* do *Wilfried Martens Centre for European Studies*.

<sup>2</sup> MACKINDER, H.J. 1890. “The Physical Basis of Political Geography”. in *Scottish Geographical Magazine*. Vol 6. No 2. pp. 78–84.

sociedade moderna no continente asiático. Parag Khanna<sup>3</sup> é defensor da tese de que os Estados asiáticos devem rejeitar a democracia liberal ocidental como modelo político, em prol de uma governação tecnocrática asiática, no qual ele descreve como uma forma de governação híbrida democrática e autoritária, semelhante ao caso de Singapura.

Para o autor, a emergência de uma nova ordem mundial decorre da vaga da modernização entre os Estados rivais, que será também caracterizada pela disputa de dominação hegemónica na Eurásia, no qual surgem em cena atores geopolíticos emergentes como a China, e a Índia, e potências revisionistas como Federação Russa.

A alteração do centro de poder é amplamente influenciada pela crescente importância dos recursos energéticos do Mar Cáspio para a Europa, a China e a Rússia. É por causa dessa mudança que Pequim procurou lançar uma nova Rota da Seda chinesa, com o objetivo de expandir a influência chinesa e acompanhar o crescimento das cidades da Ásia Central, que se encontram ao longo do percurso da nova Rota da Seda chinesa.

A iniciativa chinesa tem a ambição de criar o corredor económico mais longo do mundo, desde o principal centro económico da região da Ásia-Pacífico, que fica no extremo leste da Eurásia, até à Europa, que fica no extremo ocidental da Eurásia, assente numa nova rede de caminhos de ferro, estradas e infraestruturas energéticas e digitais entre a Europa e a China. A componente terrestre da iniciativa é complementada pela sua variante marítima, que visa ligar a China à Europa através do Mar da China Meridional. Ambas componentes procuram conectar cerca de sessenta e cinco países entre si.

Este empreendimento é visto pelo autor como um risco para fomentar perturbações sobre antigas realidades geográficas, em semelhança ao ambiente de rivalidade entre grandes potências do século XIX, e promover uma corrida pela dominação da Eurásia.

---

<sup>3</sup> KHANNA, P. 2019. *The Future Is Asian: Commerce, Conflict, and Culture in the 21st Century*. New York: Simon & Schuster.

Bruno Mações acredita que na luta pelo domínio da Eurásia, a Rússia é uma variável importante, e que a Administração Trump reconheceu essa importância. Enquanto o Presidente Barack Obama se voltou retoricamente para o continente asiático, a Administração Trump procurou se voltar a região da Ásia-Pacífico, com o propósito de marcar presença na Eurásia. Por outras palavras, a Administração Trump observa a Eurásia numa lógica de que os EUA deviam procurar ter melhores relações com Moscovo, de forma a procurarem limitar a influência chinesa na região.

O debate sobre o regresso da Eurásia como uma realidade geopolítica cada vez mais compacta, e não só como uma mera descrição geográfica, deve-se ao fato de Pequim estar a atuar no mundo numa lógica eurasiática, ou seja, a China procura promover conexões entre as duas regiões, que funcionem em ambos sentidos. Somente quando a influência flui em ambas as direções é que podemos falar de um espaço integrado. Este empreendimento, especialmente no que diz respeito à sua componente terrestre, evidencia que a China não está a olhar apenas para a região Ásia-Pacífico, mas também está a contemplar novas rotas para a Europa, de forma a promover a China como centro nevrálgico da região.

O autor desafia as principais capitais europeias a adotarem uma perspectiva eurasiática, por quatro motivos. Em primeiro lugar, Moscovo e Pequim têm uma visão geopolítica eurasiática; em segundo lugar, a maioria das grandes questões de política externa dos Estados do nosso tempo estão relacionadas com a conectividade entre Europa e a Ásia; em terceiro lugar, todas as ameaças à segurança mundial nas próximas décadas se desenrolarão num contexto geopolítico da Eurásia; e por último, é uma forma de combater as forças de desintegração que existem na própria Europa, especialmente no seio da União Europeia.

Esta iniciativa chinesa atribui importância geopolítica à Ásia Central, razão pela qual Pequim precisa de exercer um domínio absoluto sobre Xinjiang, sua província mais ocidental que serve de porta de entrada para as repúblicas da Ásia Central. A rota terrestre para a Europa não pode existir sem a província chinesa de Xinjiang, contudo, ao mesmo tempo, a exposição de maioria uigur local ao

comércio e à modernização pode contribuir para acentuar suas aspirações separatistas. A noroeste de Xinjiang localiza-se a antiga república soviética do Cazaquistão, que outrora também foi parte do Império Russo, um vasto país de grande valor agrícola, onde as tentativas chinesas de comprar terras estão a ser observadas com grande desconfiança pelo governo cazaque. E ao mesmo tempo, pode ser considerada uma intromissão chinesa sobre a esfera de influência da Rússia.

Bruno Mações observa que a aproximação da península europeia e da região da Ásia-Pacífico se deve à melhoria das condições logísticas no interior da Eurásia, e das respetivas conexões entre si. Este é precisamente um dos objetivos da nova Rota da Seda chinesa, à medida que as empresas chinesas se afastam dos centros de negócios costeiros para reduzir os custos de mão de obra, portanto, precisam de melhores conexões terrestres.

Neste mundo em mudança em pleno século XXI, compreender a Eurásia é mais importante do que nunca. Este livro ajuda a preparar para o mundo de amanhã.